

Rachel Joyce

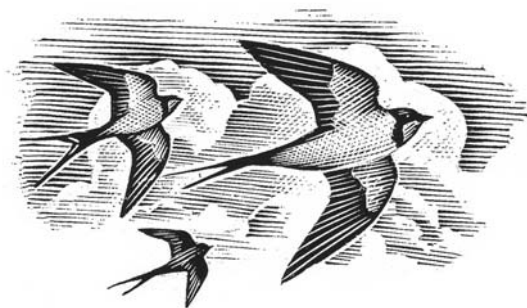
A IMPROVÁVEL  
VIAGEM  
de HAROLD  
FRY



Rachel Joyce

A IMPROVÁVEL  
VIAGEM  
de **HAROLD  
FRY**

Tradução de José Vieira de Lima





# 1

## Harold e a carta



A carta que mudaria tudo chegou numa terça-feira. Era uma manhã normal de meados de abril que cheirava a roupa lavada e a relva cortada. Harold Fry estava sentado à mesa do pequeno-almoço, com a barba acabada de fazer, camisa limpa e gravata, e, à sua frente, uma torrada que ainda não comera. O seu olhar fixou-se, para lá da janela da cozinha, no relvado aparado, com o estendal metálico no meio, e encurralado em todos os seus três lados pela vedação de madeira dos vizinhos.

– Harold! – chamou Maureen, sobrepondo a voz ao som do aspirador. – Correio!

Harold pensou que talvez lhe apetecesse ir lá para fora, mas a única coisa que havia a fazer era aparar o relvado e, isso, já ele tinha feito no dia anterior. O aspirador foi de súbito silenciado e Maureen apareceu com uma carta na mão e uma expressão irritada no rosto. Sentou-se em frente de Harold.

Maureen era uma mulher franzina com cabelo grisalho curto e um andar vigoroso. Quando se conheceram, o que mais agradara a Harold fora o riso dela. Adorara fazê-la rir, adorara desmanchar uma aparência tão certinha numa alegria incontrolável.

– É para ti – disse ela. Ele só percebeu o que ela queria dizer quando viu o sobrescrito a deslizar sobre a mesa, parando a escasos milímetros do seu cotovelo. Ambos olharam para a carta como se fosse a primeira carta que viam em toda a sua vida. Era cor-de-rosa. – O carimbo dos correios diz Berwick-upon-Tweed.

Ele não conhecia ninguém em Berwick. Ele não conhecia muita gente em lado nenhum.

– É capaz de ser engano.

– Não me parece. Os carimbos dos correios não costumam vir enganados. – Maureen tirou uma torrada da torradeira. Gostava das torradas frias e estaladiças.

Harold examinou o misterioso sobrescrito. Aquele cor-de-rosa não era o cor-de-rosa da casa de banho, nem das toalhas a condizer, nem da felpuda cobertura da tampa da sanita. Era um rosa tão forte que Harold se sentia como se não devesse estar ali. Mas, ao mesmo tempo, era um tom delicado. Um rosa *Turkish Delight*. O nome e a morada tinham sido rabiscados com uma esferográfica, as letras mal alinhavadas desmaiando umas sobre as outras como se uma criança as tivesse escrevinhado à pressa: «Mr H. Fry, 13 Fossebridge Road, Kingsbridge, South Hams». Não reconhecia a letra.

– Então? – disse Maureen, passando-lhe uma faca. Harold fez deslizar a lâmina da faca sob a aba do sobrescrito. – Cuidado – advertiu ela.

Ele podia sentir o olhar da mulher enquanto abria a carta e voltava a pôr os óculos de ler. A carta, datilografada, vinha de um sítio que não conhecia: o hospital de St Bernadine. *Caro Harold, É natural que fiques algo surpreendido com esta carta.*

Os olhos dele correram para o fim da página.

– Então?

– Santo Deus. É da Queenie Hennessy.

Maureen espetou a faca na manteiga e retirou um pedaço que espalhou ao longo da torrada.

– Queenie quê?

– Trabalhava na fábrica de cerveja. Já lá vão uns anos. Não te lembras?

Maureen encolheu os ombros.

– Não vejo porque é que havia de me lembrar. Por que raio é que havia de me lembrar? Já foi há tanto tempo. Passas-me a geleia?

– Ela estava na parte financeira. Era muito boa.

– Isto é a compota, Harold. A geleia é vermelha. Talvez não fosse má ideia se olhasses para as coisas antes de pegares nelas.

Harold passou-lhe aquilo de que ela precisava e voltou à sua carta. Uma ótima apresentação, claro; não tinha nada a ver com a caligrafia entaramelada do sobrescrito. Depois, sorriu ao lembrar-se de que, com Queenie, as coisas eram sempre assim; tudo o que fazia, fazia-o de uma maneira tão precisa, tão correta, que ninguém lhe podia apontar uma falta.

– Ela lembra-se de ti. Manda-te cumprimentos.

A boca de Maureen não poderia ter-se contraído mais. De repente, lançou:

– Um tipo na rádio estava a dizer que os franceses querem o nosso pão. Em França, não têm pão fatiado. Vêm cá e compram-no todo. O tipo disse que no verão é capaz de haver falta de pão. – Calou-se. – Harold? Algum problema?

Ele não disse nada. Ergueu-se muito direito, os lábios afastados, o rosto pálido. A voz, quando finalmente surgiu, soou frágil e longínqua.

– É... cancro. A Queenie escreveu-me para se despedir. – Tentou dizer algo mais, mas não havia mais nada a dizer. Puxou de um lenço que tinha no bolso das calças e assoou-se. – Eu... hum... Santo Deus... – As lágrimas iam transbordar.

Passaram-se alguns instantes; talvez minutos. Maureen engoliu em seco parecendo ouvir-se um estalido no silêncio.

– Lamento – disse ela.

Ele aquiesceu. Devia olhar para cima, para ela, mas não conseguiu.

– Está uma bela manhã – recomeçou Maureen. – Porque é que não vais buscar as cadeiras do jardim? – Mas ele ficou sentado, imóvel, silencioso, até que, por fim, ela levou os pratos sujos. Passado um momento, o aspirador fazia-se ouvir na entrada.

Harold sentia-se sem fôlego. Temia que o mínimo movimento que fizesse – de um braço, de uma perna, de um músculo – disparasse

um sem-número de sentimentos que procurava à viva força conter. Porque é que deixara passar vinte anos sem fazer nada para encontrar Queenie Hennessy? Recordou a mulher baixa, de cabelo escuro, com que trabalhara tantos anos antes, e parecia-lhe inconcebível que ela tivesse – quantos anos? Sessenta? E que estivesse a morrer de cancro em Berwick. Ainda por cima em Berwick; nunca viajara tão para norte. Deu uma espreitadela ao jardim e viu uma fita de plástico presa na sebe de loureiro, agitando-se para cima e para baixo, mas sem nunca se libertar. Enfiou a carta de Queenie no bolso, bateu nela ao de leve duas vezes como que para ter a certeza de que ficava bem guardada, e levantou-se.

No piso de cima, Maureen fechou silenciosamente a porta do quarto de David e deixou-se lá ficar por algum tempo, a sentir o cheiro do filho. Abriu os cortinados azuis que fechava todas as noites e verificou se havia pó no sítio em que a bainha das cortinas tocava no peitoril da janela. Passou um pano na moldura de prata do retrato do filho em Cambridge, e na fotografia que estava ao lado, uma fotografia dele quando era bebé, a preto e branco, para lhes dar brilho. Mantinha o quarto sempre limpo porque estava à espera de que David regressasse, mas nunca sabia quando é que isso iria acontecer. Ela sentia que devia estar sempre à espera. Os homens não faziam a menor ideia do que era ser-se mãe. A dor de amar um filho, mesmo quando ele tinha ido para longe. Pensou em Harold no piso de baixo, com a sua carta cor-de-rosa, e teve muita, muita vontade de falar com o filho. Deixou o quarto tão silenciosamente como quando entrara e foi mudar a roupa das camas.

Harold Fry tirou várias folhas de papel de carta *Basildon Bond* da gaveta da cómoda e uma das esferográficas de Maureen. O que é que se dizia a alguém que estava a morrer de cancro? Queria que ela soubesse que ele se sentia muito triste, mas era errado escrever *Sinto muito* porque essa era uma das expressões que os cartões das lojas usavam depois do, por assim dizer, acontecimento; e, fosse como fosse, soava formal, como se, no fundo, ele não se preocupasse. Tentou: *Cara Miss Hennessy, espero sinceramente que o seu estado de saúde melhore*, mas, quando pousou a esferográfica para examinar o que

acabara de escrever, pareceu-lhe demasiado convencional para além de apontar para algo de improvável. Amarrizou a folha numa bola e recomeçou noutra. Nunca tivera facilidade em exprimir-se. Aquilo que sentia era tão intenso que se tornava difícil encontrar as palavras, e, mesmo que conseguisse encontrá-las, não parecia apropriado escrevê-las a alguém com quem não contactava há vinte anos. Se estivesse no lugar dele, Queenie teria sabido o que fazer.

– Harold? – A voz de Maureen apanhou-o desprevenido. Pensava que ela estava no andar de cima, a limpar qualquer coisa, ou a falar com David. Tinha calçado as luvas de borracha.

– Estou a escrever uma mensagem para a Queenie.

– Uma mensagem? – Era frequente ela repetir o que ele dizia.

– Sim. Não queres assinar?

– Acho melhor não. Não me parece lá muito correto assinar uma mensagem para alguém que não conheço.

Era tempo de deixar de se preocupar em exprimir de uma maneira floreada o que quer que fosse. Teria apenas de alinhar as palavras na cabeça e depois pô-las por escrito: *Cara Queenie, obrigado pela tua carta. Lamento muito. As tuas* (risca «As tuas») *Os meus melhores votos – Harold (Fry)*. Era uma coisa um bocado sem jeito, mas, pronto, ia mesmo assim. Meteu a carta no sobrescrito, selou-a rapidamente e copiou a morada do hospital de St Bernadine.

– Vou dar um salto aos correios.

Já passava das onze. Tirou o impermeável do cabide onde Maureen gostava que ele o pendurasse. À porta, um ar quente com odor a maresia inundou-lhe de súbito o nariz, mas, antes que pusesse o pé esquerdo fora da porta, já a mulher estava ao seu lado.

– Vais demorar muito?

– Vou só até ao fim da estrada. – Ela não parava de olhar para ele com aqueles olhos verde-musgo e o seu frágil queixo espetado e Harold teria dado tudo para saber o que dizer, mas não sabia; pelo menos não sabia de uma maneira que fizesse alguma diferença. Adoraria tocar-lhe como nos velhos tempos, baixar a cabeça e encostá-la ao ombro dela. – Até já, Maureen. – Fechou a porta da rua que se interpunha entre os dois, tendo o cuidado de não deixar que batesse.



Construídas numa colina sobranceira a Kingsbridge, as casas de Fossebridge Road gozavam daquilo a que os agentes imobiliários chamavam uma posição elevada, com amplas vistas sobre a cidade e os campos circundantes. No entanto, os jardins da frente inclinavam-se num ângulo precário em relação ao passeio, de tal forma que as plantas pareciam agarrar-se às estacas de bambu como se disso dependesse a sua vida. Harold desceu o íngreme caminho de cimento um pouco mais depressa do que teria desejado e reparou que havia cinco novos dentes-de-leão. Talvez não fosse má ideia usar nessa tarde pela primeira vez o novo herbicida, o *Roundup*. Uma coisa digna de se ver, isso era mais do que certo.

Ao ver Harold, o vizinho do lado acenou-lhe e deu uns passos na direção da cancela. Rex era um homem pequeno com uns pés minúsculos em baixo, uma cabeça pequena em cima e um corpo muito redondo no meio, de tal forma que Harold chegava a temer que não houvesse maneira de o deter se por acaso um dia ele caísse. Rolaria pela colina abaixo como um barril. Rex ficara viúvo seis meses antes, mais ou menos na mesma altura em que se reformara. Depois da morte de Elizabeth, não parava de se queixar de que a vida era muito, muito dura. Falava disso pelos cotovelos.

– O mínimo que se pode fazer é ouvir – comentara Maureen, embora Harold não tivesse a certeza se, quando ela usava o sujeito indeterminado, não estaria unicamente a pensar nele.

– Vais dar um passeio? – perguntou Rex.

Harold tentou retorquir num tom jovial que, assim esperava, agiria como uma sugestão de que aquele não era o momento mais adequado para estarem ali com conversas.

– Precisas que te ponha alguma coisa no correio, meu velho?

– Ninguém me escreve. Desde que Elizabeth faleceu, só recebo panfletos.

Rex pôs-se a olhar fixamente para um ponto algures não muito longe e Harold apercebeu-se imediatamente do rumo que a conversa ia tomar. Ergueu os olhos para o céu: fiapos de nuvens num céu de papel de seda. – Está mesmo um belo dia.

– Pois está – disse Rex. Houve um silêncio interrompido por um suspiro de Rex. – Elizabeth gostava de sol. – Novo silêncio.

– Está um bom dia para aparar a relva, Rex.

– Muito bom, Harold. Fazes composto com os restos da relva? Ou deixa-los secar e usa-los para proteger os rebentos?

– Eu acabo sempre por ficar com relva seca agarrada aos sapatos, Rex. E a Maureen não gosta nada que eu leve coisas agarradas aos sapatos para dentro de casa. – Harold olhou de relance para os seus sapatos de vela e interrogou-se por que raio é que as pessoas os usavam quando não tinham a menor intenção de fazer vela. – Bom. Tenho de ir andando. A ver se chego lá antes do meio-dia, que é a hora a que vêm buscar o correio. – Brandindo o sobrescrito, Harold virou-se na direção do passeio.

Pela primeira vez na sua vida, era uma decepção para ele verificar que retiravam o correio do marco mais cedo do que pensava. Harold tentou atravessar a estrada para evitar o marco, mas lá estava ele, à sua espera na esquina da Fossebridge Road. Ergueu a carta endereçada a Queenie à altura da ranhura e deteve-se. Olhou para trás: caminhara tão pouco para chegar ali...

As vivendas tinham todas paredes de estuque pintadas em tons de amarelo, salmão e azul. Algumas ainda possuíam telhados pontiagudos, como se usava nos anos 50, com traves decorativas com a forma de um meio sol; noutras, tinham sido acrescentados sótãos com telhados de ardósia; uma delas fora até completamente remodelada ao estilo de um chalé suíço. Harold e Maureen tinham ido viver para ali quarenta e cinco anos antes, logo após o casamento. Esgotaram todas as suas poupanças para pagar a entrada; ficaram sem um cêntimo para cortinados ou móveis. Tinham-se mantido isolados dos outros, e, com o passar do tempo, os vizinhos iam chegando e partindo, até ao ponto em que, dos ocupantes iniciais, só restavam Harold e Maureen. Houvera em tempos uma horta e um lago ornamental. Ela fazia *chutney* todos os verões e David tinha peixinhos dourados. Atrás da casa, houvera um barracão que cheirava a fertilizante, com ganchos altos para pendurar ferramentas, e novelos de fio e de corda. Mas estas coisas também já tinham

desaparecido havia muito tempo. Mesmo a escola de David, que ficava a um passo da janela do seu quarto, fora apagada do mapa por um bulldozer e substituída por cinquenta casas a preços acessíveis, pintadas com cores primárias brilhantes e com as ruas iluminadas com candeeiros a gás georgianos.

Harold pensou nas palavras que tinha escrito a Queenie. Achou-as tão inadequadas que ficou envergonhado. Imaginou-se a voltar para casa e a dar com Maureen a telefonar para David e a vida continuar exatamente igual, tirando o facto de Queenie estar a morrer em Berwick, e sentiu-se esmagado. Tinha a carta na mão, metade pousada na boca negra do marco. Não podia enviá-la assim.

– No fim de contas – disse em voz alta, embora estivesse completamente só –, está um dia tão bonito... – Não tinha mais nada que fazer. Podia perfeitamente ir a pé até ao próximo marco. Apres-sou-se em direção à esquina da Fossebridge Road antes que pudesse mudar de ideias.

Harold não tinha por hábito tomar decisões impulsivas. Tinha perfeita consciência disso. Desde que se reformara, os dias passavam um após outro e nada mudava, tirando a barriga, que crescia, e o cabelo, que ia diminuindo. Dormia mal à noite; por vezes, não dormia mesmo nada. No entanto, ao chegar mais depressa do que esperara a um marco de correio, parou de novo. Tinha encetado algo e não sabia o que era, mas, agora que estava a fazer isso, fosse lá o que fosse, não se sentia pronto para a dar por terminada. Gotas de suor surgiram-lhe na testa; o sangue latejava-lhe de expectativa. Se colocasse a carta no posto de correios da Fore Street, de certeza que seguiria no dia seguinte.

Ao descer as ruas da nova urbanização, o sol morno batia-lhe na nuca e nos ombros. Harold olhava de relance para as janelas das casas, e, umas vezes, estavam vazias, e, outras vezes, havia pessoas que o olhavam fixamente, obrigando-o a estugar o passo. Contudo, por vezes, via no peitoril da janela um objeto de que não estava à espera; uma figura de porcelana, ou um vaso, ou, inclusivamente, uma tuba. Objetos pelos quais as pessoas sentiam alguma ternura e que brandiam como fronteiras contra o mundo exterior. Tentou visualizar o que é que um transeunte ficaria a saber acerca dele e de

Maureen se reparasse nas janelas do número 13 da Fossebridge Road, até que, de súbito, se deu conta de que o transeunte não tiraria grandes conclusões por causa dos cortinados. Seguiu na direção do cais, sentindo os músculos das coxas contraídos.

Estava maré baixa e pequenos barcos a remos, a precisarem de pintura, balouçavam numa paisagem lunar de lama negra. Num passo vacilante, Harold aproximou-se de um banco vazio, sentou-se, tirou do bolso, com dedos lentos, a carta de Queenie, e abriu-a.

Ela lembrava-se. Ao fim de tantos anos. E, no entanto, continuara a sua vida normal como se o que ela fizera não tivesse o menor significado. Não tentara detê-la. Não a seguira. Nem sequer se despedira dela. O céu e o passeio transformaram-se num único borrão, vistos através das lágrimas que de novo lhe enchiam os olhos. Depois, os contornos aquosos de uma mãe jovem com uma criança. Pareciam segurar cones de gelado, erguendo-os como archotes. Ela pegou no rapaz e sentou-o na outra ponta do banco.

– Está um belo dia – disse Harold, fazendo um esforço tremendo para não soar como um velho que estava a chorar.

Ela não ergueu os olhos, nem concordou. Curvando-se sobre o punho do filho, lambeu uma suave faixa do gelado dele para impedir que se desmornasse. O rapaz observou a mãe, tão imóvel e chegada a ela que até parecia que o seu rosto fazia parte do dela.

Harold interrogou-se se alguma vez se sentara ali na zona do cais a comer gelados com David. Tinha a certeza de que o devia ter feito, mas, depois de vasculhar nos armários da memória, não encontrou nenhuma imagem disponível. Tinha de seguir o seu caminho. Tinha de pôr a carta no correio.

Empregados de escritório, à porta do Old Creek Inn, riam-se, enquanto bebiam as suas cervejas da hora do almoço, mas Harold mal deu por eles. Quando começou a subir a íngreme Fore Street, pensou naquela mãe que, de tão concentrada no filho, não tinha olhos para mais ninguém. Ocorreu-lhe que era Maureen que falava com David, dando-lhe notícias deles. Sempre fora Maureen que escrevera o nome de Harold («o papá») nas cartas e nos postais. Até fora Maureen quem encontrara o lar para o pai dele. E isso fez disparar na sua mente – enquanto carregava no botão para atravessar

a passadeira – uma questão muito clara; se, na prática, Maureen era Harold, «então quem sou eu?».

E passou pela estação dos correios sem sequer parar.